

A GINÁSTICA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA BAHIA (1850-1920)

Aline Gomes Machado¹
Coriolano P. da Rocha Junior²

Resumo: O objetivo do estudo foi compreender quais eram as concepções pensadas para a ginástica e a materialização da prática nos espaços escolares de Salvador/BA entre os anos de 1850 e 1920. Para tanto, nos fundamentamos na perspectiva metodológica da Nova História Cultural. Utilizamos como fontes as teses da Faculdade de Medicina da Bahia; relatórios e documentos do governo do estado; materiais de revistas e jornais publicados na Bahia com circulação em Salvador na época. Como conclusão, apontamos uma reconhecida importância da ginástica como prática pedagógica, por parte da elite intelectual baiana, sobretudo dos médicos. Contudo, existiram distanciamentos entre os ideais pretendidos e a materialização concreta da ginástica nos espaços escolares.

Palavras-chave: Ginástica; Higienismo; Modernidade.

GYMNASTICS AS EDUCATIONAL PRACTICE IN BAHIA (1850-1920)

Abstract: The objective of the study was to understand the conceptions designed for gymnastics and the materialization of the practice in the school spaces of Salvador/BA in the years 1850 and 1920. For that, we base ourselves in the perspective of the New Cultural History. We use as sources the theses of the Faculty of Medicine of Bahia; reports and government documents; magazine materials and newspapers published in Bahia with circulation in Salvador in season. As a conclusion, we point out a recognized importance of gymnastics as a pedagogical practice by the Bahia intellectual elite, especially physicians. However, there were distances between the ideals intended and the concrete materialization of gymnastics in school.

Keywords: Gymnastics; Hygiene; Modernity.

LA GIMNASTICA COMO PRÁCTICA EDUCATIVA EN BAHIA (1850-1920)

Resumen: El objetivo del estudio fue comprender cuáles eran las concepciones pensadas para la gimnasia y la materialización de la práctica en los espacios escolares de Salvador/BA en los años de 1850 y 1920. Para tanto, nos basamos en la perspectiva de la Nueva Historia Cultural. Utilizamos como fuentes las tesis de la Facultad de Medicina de Bahía; informes y documentos del gobierno; materiales de revistas y periódicos publicados en Bahía con circulación en Salvador em la época. Como conclusión, apuntamos una reconocida importancia de la gimnasia como práctica pedagógica, por parte de la elite intelectual baiana, sobre todo de los médicos. Sin embargo, existieron distanciamientos entre los ideales pretendidos y la materialización concreta de la gimnasia em lós espacios escolares.

Palabras clave: Gimnasia; Higiene; Modernidade.

¹ Universidade Federal da Bahia – Doutoranda do Programa do Pós-graduação em Educação; liumaxado@hotmail.com; Salvador –Bahia – Brasil.

² Universidade Federal da Bahia - Docente do Programa de Pós-graduação em Educação; coriolanojunior@uol.com.br; Salvador – Bahia – Brasil.

Introdução

Durante o século XIX e início do século XX, Salvador, assim como grande parte do Brasil, passou por um processo de transformações. A intensificação no trânsito cultural e econômico com a Europa gerou motivações e aspirações por uma modernização no país, mesmo que não fosse este um sentimento homogêneo ou hegemônico. Segundo Martins (2008, p.134) *apud* Rocha Junior e Santos (2015, p.22): “urgência civilizar o país, modernizá-lo, espelhar as potências industriais e democratizadas e inseri-lo, compulsória e firmemente, no trânsito de capitais, produtos e populações liderados pelo hemisfério norte”.

As ciências, em especial a ciência médica foi uma protagonista nos movimentos de modernização. Souza e Barreto (2011) explicam como a abertura das primeiras escolas médico-cirúrgicas na Bahia e no Rio de Janeiro deflagraram um processo irreversível de institucionalização das ciências no Brasil. A medicina figurou o processo modernizador na Salvador oitocentista. A esse respeito Almeida e Sá (2012) expõe:

O discurso de desenvolvimento na “Cidade da Bahia³” do século XIX e meados do século XX, assentava-se igualmente no pressuposto de que a ciência possuía uma preposição especial para promover desenvolvimento. A ciência configurava-se como ‘um quê a mais’ que caminha para o processo civilizatório. Quem se embebe dela, pois, superioridade moral e material, derivada do disciplinamento do temperamento, segundo o que defendia no período, seguiria firme em direção ao progresso (p.11).

A atenção desses médicos higienistas voltava-se para a cidade e suas mazelas e também para a formação de um corpo higiênico como representação de uma sociedade moderna, onde a prática de atividades físicas possuía fundamental importância. Dentre elas, a ginástica aparecia como a prática diletta. Góis Junior (2013) expõe como o cuidar do corpo se estabeleceu como uma norma moral, tornando uma educação corporal, mais do que tudo uma educação moral, onde a ginástica e a higiene se estabeleciam como ferramentas privilegiadas para o trato com o homem no século XIX.

De acordo com Melo (2007), antes da metade do século XIX já era possível encontrar no país uma série de iniciativas de ensino e prática da ginástica. Mas é mesmo na segunda metade desse século que os movimentos começam a ser mais numerosos e significativos. Em exemplo disso, em 08 de novembro de 1877, temos um anúncio no jornal O Monitor afirmando que “a gymasntica⁴, senhores, é essa educação forte que ensina a criança a vencer a si própria, o não succumbir nas dificuldades, a obedecer ao preceito, e sentido livre a fazer-se escrava do dever” (s.p.).

³ O termo “Cidade da Bahia” foi utilizado para se referir a Salvador, capital do estado da Bahia, principalmente durante o século XIX e início do século XX. Atualmente, em menor grau, ainda é um recurso utilizado principalmente por pesquisadores, como: Almeida e Sá (2012), Risério (2004) e Tavares (2001).

⁴ Optamos por manter a grafia original das fontes.

Se os discursos de médicos e articulistas apontavam a importância de uma ginástica nas escolas soteropolitanas, a realidade concreta nem sempre atendia completamente a este ideário. Levemos em consideração o fato da educação, neste período, ser restrita a uma pequena parcela da população, o que nos faz questionar sobre os reais alcances desta desejada ginástica.

Destarte, neste texto, buscamos compreender quais eram as concepções pensadas para a ginástica e a materialização da sua prática nos espaços escolares de Salvador entre os anos 1850 e 1920. Para tanto, utilizamos como fontes materiais de revistas e jornais publicados na Bahia, com circulação em Salvador no período histórico demarcado na pesquisa; relatórios e documentos do governo do estado e teses da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB).

Utilizando a metodologia da Nova História Cultural, a escolha destas fontes se deu por representarem um importante grupo de referências às representações construídas em torno da ginástica. Tomando por base Chartier (1991), pode-se afirmar que “Considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” (p.177), estas fontes apresentam fundamental visão em torno das práticas de ginásticas nas escolas baianas.

Os sentidos de modernidade e o discurso médico-higienista

A transição para uma sociedade urbana e industrial, na qual se encontrava grande parte do Brasil, aumentava as relações com outros países. Isso, além de impactar e impulsionar a economia nacional possibilitava o trânsito cultural, de ideias, de conhecimento. Ao se projetar no cenário dos ditos países civilizados, desenvolveu-se “um sentimento de que, no Brasil, as ideias e práticas culturais estariam, em geral, fora do lugar” (OLIVEN, 2001, p.04). Era preciso formar uma nova sociedade, não apenas no que dizia respeito às modificações no setor econômico, mas também, era preciso colocar o Brasil no modelo de cultura civilizada e moderna dos outros países.

Nessa conjuntura, os discursos da elite intelectual brasileira, ainda que não fossem de forma homogênea, passaram a objetivar a modernização do país. Fazia-se urgente, para esse estrato da população, reverberar no país as mudanças que se davam, de maneiras diferentes, em outras nações, era preciso elevar o Brasil a condição de uma nação modernizada.

O movimento da modernidade, digamos assim, carregava consigo a busca pela verdade, com base na razão, na cientificidade. Neste sentido, assentava-se no pressuposto de que a ciência possuía uma preposição especial para promover o desenvolvimento e configura-se como ‘um quê a mais’, que caminhava para o processo civilizatório. Este período ficou conhecido como a “era da *sciencia*” (SÁ e ALMEIDA, 2012; COSTA e SCHWARCZ, 2000). Contudo, estamos falando de um Brasil com a maioria da população iletrada, fora desta pretensa cientificidade. Logo, esse projeto civilizador construiu-se sob o domínio de uma pequena elite que ditava os caminhos a serem seguidos por toda população, de forma verticalizada e até autoritária.

Neste sentido, Rocha Junior assevera (2013), sobre a modernidade, que:

Ela é ambígua, já que seus mecanismos de execução e vivência são repletos de incongruências internas, gerando ao mesmo tempo ganhos e perdas, apoio e revolta, criando o novo e destruindo o chamado “velho”, ou seja, são duas leituras de uma mesma realidade. Na cena mundial e também brasileira (p.104).

De um modo generalista, podemos resumir as aspirações da elite intelectual brasileira com referências à civilização, no sentido do que indica Leite (1996) em: 1) atitudes racionalizadas, moralizadas e cultas dos indivíduos; 2) adoção de padrões culturais europeus; 3) reformas que permitissem a implantação de uma nova estética e a introdução de modernas tecnologias e embelezamento das cidades.

Na Bahia, o processo ambíguo e conflituoso de modernização foi mais peculiar, pois o desejo de modernidade convivia com a expectativa de resgatar o poder que possuía no Brasil colonial. Rocha Junior (2013, p.102) afirma que a capital do estado, Salvador, “estava presa a uma lógica econômica que se não impedia, certamente limitava as aspirações por um maior crescimento, pelo progresso”.

Enquanto o grupo que dominava a exportação e atividade mercantil usufruía do esplendor da riqueza, o grande contingente populacional permanecia na dura realidade da pobreza. Risério (2004) nos diz que a miséria foi, sem dúvida, um aspecto saliente e cruel da vida baiana no século XIX, em grande parte, como consequência da pouca flexibilidade à incorporação da mão de obra dos recém-libertos da escravidão. Aumentava o número de homens livres, mas estes não eram absorvidos em empregos remunerados, colocando-os numa condição de miséria e mendicância.

Além destes fatores, Salvador, que a partir de meados do século XIX começava a caminhar no sentido de se tornar o centro urbano da Bahia, apresentava diversos fatores que potencializavam as más condições de higiene. Dentre eles a própria estrutura da cidade:

O problema não está só nas pessoas, que não respeitam as “posturas”, mas também na própria cidade, que vive num estado precário de salubridade pública, com infraestrutura deficiente, sem higiene nas casas e numa situação de miséria, criando um ambiente propício para a aparição e propagação de epidemias. A cidade construída impõe limites à higiene. Seu denso espaço está construído de maneira confusa, com um traçado e uma arquitetura que em nada ajudam à salubridade (PINHEIRO, 2011, p.203).

Nessa conjuntura, podemos dizer que médicos e articulistas se encarregavam de disseminar as ideias modernizadoras, na tentativa de superar este ‘atraso’ na compreensão da sociedade baiana. Em uma matéria publicada em 01 de agosto de 1872, no periódico O Academico: Periódico Dedicado á Medicina e à Litteratura, podemos sentir este chamamento no sentido da modernização: “a torrente do progresso nos arrasta; a voz do

século, que retumba no grande proscenio da vida, nos mandar caminhar [...] Ao trabalho, pois!” (p.01).

A sociedade moderna, que se deseja, deveria ser composta por um novo indivíduo, consciente do seu papel social e que cumprisse os rituais necessários para exercer sua função. Em exemplo disso, temos a conclusão do Dr. José Antonio de Freitas Junior, que após refletir sobre a influência do estado social na produção das moléstias afirma “que da Sociedade, e para a Sociedade nascemos, que n’ella encontramos o óleo de nossa existência” (1853, p.16).

Este ‘caminho do progresso’, de construção de um ‘novo homem’ vai pouco a pouco se configurando segundo os preceitos médico-higienista. Assim, indicações de mudanças, tanto no que diz respeito à estrutura material da sociedade, quanto no que toca aos hábitos e costumes, foram construídas articulando o progresso, à necessidade de higiene.

Era preciso construir um novo homem, “produzir sujeitos higiênicos, higienizados e higienizadores” (COSTA, GÓIS JUNIOR e SANTOS, 2014, p.275). Para isso, a atenção volta-se para a educação, como meio de incutir os valores, ideais higienistas modernizadores. Observemos na tese *Higiene Pedagogica*, de Umbelino Heraclio Muniz Marques, como uma educação higiênica, digamos assim, virou símbolo de uma modernidade que, apesar de fundamental, não se viu no Brasil que caminhava para o século XX:

A higiene pedagógica, que aliás age decisivamente sobre o desenvolvimento da creança, e sobre a conservação de sua saude, ainda nos paizes, mais adiantados deixa muito a desejar, quanto mais no Brazil, onde, em meteria de educação popular, tudo é palavra e só palavra (1886, p.01).

Umbelino ainda afirma como uma educação higiênica “adapta todas as potencias physycas, intellectuaes e moraes de cada individuo á função plena do papel que lhe esteja destinado desempenhar na coletividade” (1886, p.02). Perceba como a preocupação estava centrada em tornar harmônica esta tríade das faculdades humanas, para que o sujeito pudesse desempenhar seu papel sem alterar a ordem social desejada, que neste caso era a ordem para o progresso, modernização.

Desta forma, comungamos com Melo Junior (2015), quando este afirma que se iniciava (ou intensificava), na Bahia, um movimento visando à educação do povo, almejando não somente alfabetizar a população, mas, sobretudo, civilizar os costumes, moralizar as condutas e moldar comportamentos, de forma a alicerçar as bases da pretendida sociedade higiênica e moderna. Este movimento configurou as principais estratégias do projeto higienista.

A ginástica como elemento de uma educação higiênica

O projeto de modernização com bases na higiene olhou para várias instituições da sociedade e, principalmente, para a Escola. Uma forma vislumbrada para atingir esses objetivos centrava-se na ampliação e melhoria do sistema educacional. Além da ampliação numérica, era necessário estabelecer melhorias na ação pedagógica, que deveriam se

conceber a partir das noções de higiene, saúde e disciplina (MELO e PERES, 2016; TAVARES, 2001).

Nessa conjuntura, na tese já citada de Umbelino Heraclio Muniz Marques, o médico exemplifica qual deveria ser o caminho a seguir:

Emfim seja nossa preocupação principal acompanhar o movimento do nosso seculo n'este ramo essencial do aperfeiçoamento social, colloquemos a *higiyene pedagogica* na primeira fila dos deveres governantes, como garantia á saude physica da geração nascente: não só está obrigado o estado pela carta constitucional a fornecer instrucção ao povo, como a proporcionar meios garantidores, quer da saude, quer do desenvolvimento organico de cada cidadão (1886, p.41).

Como afirmam Costa, Santos e Góis Junior (2014), a educação era vista como um caminho para fazer com que os hábitos higiênicos se multiplicassem. Para tanto, constrói-se a necessidade de uma educação centrada no corpo, destacando a importância das práticas corporais sistematizadas, no cenário escolar, como símbolo dos objetivos alentados para a sociedade oitocentista. Na mesma linha de pensamento, asseveram Melo e Peres “As práticas corporais institucionalizadas constituíram-se em poderosas representações de valores, sensibilidades e desejos que permearam o ideário e imaginário da modernidade” (2014, p.35).

Se o espelho de modernidade era, principalmente, os países europeus, ao tomar ciência da prática de exercício numa escola em Paris, um articulista do Correio Mercantil, já em 02 de junho de 1838 diz que “uma igual escola, estabelecida no nosso paiz, seria como um modelo para se irem sucessivamente creando estabelecimentos da mesma espécie”, e continua narrando os benefícios para uma sociedade que se pretendia civilizada.

Os higienistas constatavam as mazelas e colocavam a falta de “apuro na educação physica⁵” no grupo dos elementos anti-higiênicos que prejudicavam a cidade de Salvador, como podemos perceber no Relatório do Conselho Interino de 1856, elaborado pelo secretário da Comissão de Hygiene Publica, Dr. Malaquias Avars dos Santos:

Nas demais comarcas existem também muitas causas de insalubridade, como sejam mais geralmente habitações húmidas, e mal arejadas, alimentação irregular e de má qualidade, pântanos de todos os gêneros, e nenhum apuro na educação physica; ao que demais se ajunctam muitos vícios na educação.” moral e intelectual dos habitantes, o que se encontra ainda n'esta capital e mormente, nos seus suburbios. (s.p.)

Essa relação do exercício físico como elemento fundamental do higienismo para a educação do sujeito seguiu com o passar dos anos. Em artigo publicado no dia 10 de outubro de 1880, no periódico baiano A Escola

⁵ Neste momento, “a educação física ainda não era considerada uma disciplina escolar, mas sim um conjunto de cuidados ligados à higiene, à puericultura e também, ou de forma geral, à prática de atividade física” (MELO, 2013. p.121). É neste conjunto de referências que devemos pensar quando aparecer o termo educação physica.

– Revista científica, litteraria e noticiosa –, encontramos o argumento de que “pelo exercício, transformamos um homem ou animal a olhos vistos, afinal a educação física é a aplicação á cultura humana das leis da hygiene ou hygiene propriamente dita”. Segue-se fazendo um apelo: “senhores physiologistas, dainos o mais breve possível, sob uma forma resumida, satisfactoria, popular, um tractado completo de hygiene e de educação physica” (p.22).

Podemos afirmar que este lugar de destaque (no discurso médico-higienista, principalmente) que as práticas corporais sistematizadas ganharam progressivamente, com o passar do século XIX, mas principalmente nas últimas décadas, deveu-se ao fato destas carregarem em si, valores que condiziam com a realidade da sociedade urbano-industrial, que estava se caminhando para construir.

Essas práticas simbolizavam como apontam Melo e Peres (2014), a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização de tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza. O seu desenvolvimento tem grande relação com uma sociedade que enfatizava as noções de produção, precisão, desempenho e disputa, como a moderna sociedade soteropolitana que lentamente se construía.

Dentro do conjunto de sentidos e práticas que compunham a ideia dos intelectuais baianos sobre a ‘educação physica’, uma tornou-se personagem principal: a ginástica. Francisco Candido da Silva Lobo (1898) diz que “a base da educação physica é a gymnastica” (p.03). Segundo Melo e Peres (2016), disciplina, saúde e hygiene eram os princípios que integravam os discursos de defesa e valorização da ginástica, constantemente, mobilizados por alguns médicos, dirigentes e intelectuais.

Em Salvador, os médicos baianos indicavam os benefícios da prática nas escolas e, também quais e como deveriam ser executados os exercícios gímnicos. Na tese apresentada pelo Dr. Umbelino Heraclio Muniz Marques (1886), o médico coloca a importância do ensino da ginástica nos termos da hygiene necessária; como sinônimo de desenvolvimento e civilização, ao exemplificar sua ocorrência nas escolas europeias; como componente imprescindível a uma educação vigorosa e guerreira, capaz de desenvolver *todas as potencias* “physicas, intellectuaes e moraes de cada individuo”. E enfatiza afirmando que “a gymnastica deve ocupar na educação publica logar proeminente” (p.07).

Neste conjunto de estratégias educativas, o professorado deveria ter a consciência dessa educação que se pretendia, além de tudo, moral:

Desde os primeiros grãos da instrução o professor deve educar o menino de forma a desenvolver-lhe as faculdades de observação, a iniciativa individual e ao mesmo tempo cultivar-lhe o sentimento e o character domestico, social e civico, além de procurar formar-lhe o juízo (LOBO, 1898, p.26/27).

Ao explorarmos a semântica dos termos citados nas falas dos médicos oitocentistas baianos, vamos enxergar que caminham sempre no sentido da civilidade que se buscava em consonância com os países cultos:

A educação física observada pelas nações da antiguidade como o elemento indispensável, talvez único de dotar a família de homens robustos e sadios, e a pátria de cidadãos presentes, achou na actualidade echo no coração de todos os povos cultos, menos no Brazil (MARQUES, 1986, p.07).

Neste cenário, “a ginástica aparece associada à emergência de uma racionalidade e de técnicas específicas sobre o corpo” (MELO e PERES, 2014, p.71), demandadas das transformações na realidade urbana que ocorria em Salvador. Isso se deve ao fato, como assevera Velho (1995), de que as transformações ligadas ao processo de modernidade estão indissolúvelmente ligadas a modos específicos de construir e perceber a realidade, que é consequência e, simultaneamente, causa de novas visões de mundo, com concepções particulares de indivíduos.

Foi no caminho da construção de novas concepções de indivíduos, e assim de uma nova realidade, que o discurso médico passou a desmascarar as imagens indesejadas e cobrar do governo e população baiana o comportamento adequado. Ao analisar as construções realizadas na cidade de Salvador, no sentido da higiene e modernidade, o médico Octavio Torres da Silva aponta que

o povo sem uma educação precisa, não sabe acolher e gozar essas preciosidades tão comuns no Rio de Janeiro, em S. Paulo etc; e o poder publico, que as edificou, não sabe manter ali os ficas próprios para fazer respeitar e ensinar a população a servir-se de taes logadoiros (1908, p.05).

Octavio Torres da Silva (1908) realiza na sua tese, na verdade, um mapa descritivo da cidade de Salvador perante a hygiene. Ele aponta os problemas, a realidade e cobra do poder governamental a postura que julga ser pertinente, no que diz respeito principalmente à realidade educacional da capital baiana. Já no ano de 1920 o médico Joaquim de Britto Costa continua reforçando está ideia da prática corporal como sinônimo das sociedades civilizadas e lamenta a ausência da *educação física, de exercícios, da gymnastica* nas escolas da Cidade da Bahia.

Costa (1920) prossegue afirmando a importância e benefícios da ginástica nos espaços escolares e aponta a ginástica sueca como sendo a mais indicada:

A gymnastica sueca, sendo a gymnastica dos movimentos e atitudes, deve ser aplicada para alumnos de ambos os sexos. Ella é util physicamente, util ao organismo, e, por serem organismo e intelligencia, intimamente ligados, estreitamente unidos, ella será tambem util ao intellecto, desenvolvendo-o, activando-o, revigorando-o, <<Mens sana im corpore sano>> (p.61).

A ginástica sueca mencionada pelo médico tem na sua essência, forte racionalidade e intuito regenerativo da sociedade. Moreno (2015) explica que esta escola de ginástica tinha também fortes traços idealistas, além de um caráter pedagógico, já que seu precursor, Pier Henrik Ling colocava em

prática na ginástica, a sua crença na educação. Resguardada a distância entre as realidades Sueca e Soteropolitana, podemos perceber o intuito regenerativo e científico nas produções dos médicos baianos. Contudo, dentre as teses analisadas, Joaquim Britto de Costa (1920) foi o único a apontar claramente qual o método ginástico mais adequado para a realidade escolar de Salvador.

O discurso médico-higienista protagonizou a defesa da inserção da ginástica nas escolas da Cidade da Bahia, mas essa defesa não se tornou exclusiva da comunidade acadêmica de medicina. Sua importância ganhou brechas nos jornais e periódicos que tinham circulação na capital baiana e, também, no discurso governamental. Em agosto de 1877, o jornal *O Monitor*, que tinha circulação diária na capital, na seção intitulada - *Questão da Instrução Publica* - trouxe uma nota afirmando que “o menino precisa de movimento; a gymnastica ó-lhe é indispensavel” (p.59). No mesmo ano, constatamos sete outras ocorrências, no mesmo diário, que asseguravam a importância e necessidade da ginástica nas escolas.

No *Correio da Bahia*, numa seção igualmente intitulada de - *Instrução Publica*-, encontramos a seguinte articulação entre educação, higiene e ginástica:

Si se trata da educação, cujo fim proximo do aperfeiçoamento do individuo em sua tríplice relação physica, intelectual e moral, é ella deficiente não levando seus cuidados até o desenvolvimento do corpo, de que depende em grande parte o progresso do espirito.

A gymnastica e a hygiene, que importante missão teem a desempenhar na educação da mocidade encontram, ao contrario, crua guerra nos próprios edificios escolares, verdadeiros focos de destruição de organizações frágeis, em que cedo contractam estas os vicios que os manleem-n’as em eterno rachitismo ou aoressam-lles a mais penosa ruina (1871, p.15).

No que se refere ao discurso governamental, parece haver uma sintonia com os ideais de médicos e articulistas na defesa e desejo do ensino da ginástica. Nos *Annaes* da Assembleia Legislativa Provincial encontramos várias referências à importância da ‘educação physica’ do povo baiano, assim como nos *Relatórios de Trabalho do Conselho Interino do Governo*. Neste último, no ano de 1882, encontramos a seguinte recomendação quando a educação nas escolas baianas:

Agora, a educação physica.

E’ um tanto ampla a expressão, Segundo os magníficos estudos de Spencer, encerrão-se n’esse capitulo as regras tendentes a corrigir 1) a insufficiencia da alimentação; 2) a impropriedade do vestuário, 3) o excesso de aplicação mental, 4) a escassez de exercicio corpóreo, mediante a gymnanastica. Ella é imprescindivel na eschola (p.209-210).

Diante disso, conseguimos perceber que existiu certa consonância entre os discursos médicos e de um grupo intelectual baiano no que se refere

ao desejo e reconhecimento de uma importância fulcral da ginástica no cenário educacional.

A materialização da ginástica nos espaços escolares

Entendemos que por vezes existe distância entre o ideal e o real, entre o discurso e a materialização. Em estudos já realizados em outros locais, constatou-se que a efetiva institucionalização da ginástica não aconteceu exatamente como se pretendia, quer por resistência da elite brasileira em permitir que seus filhos fizessem tarefas físicas, quer por serem ressignificadas no cotidiano escolar (MELO e PERES, 2016; GOIS JUNIOR, 2013).

Na capital baiana, frente ao desejo de higiene, o médico Umbelino Heraclio Muniz Marques, ao analisar as escolas da capital baiana na tese intitulada *Hygiene Pedagogica*, assegura que “as escholas bahianas encaradas sob o aspecto da hygiene apresentam um espetáculo desanimador” (p.18), exemplificando ao afirmar que “a Casa Escola da Freguesia de Santo Antonio Além do Carmo não satisfaz a nenhuma das condições *hygienicas* e *pedagógicas*⁶, quanto á sua construção, compartimento e colocação” (p.10).

A insatisfação quanto à higiene escolar parece seguir com o passar dos anos. Em 1908, o médico Octavio Torres da Silva aponta, ao analisar a realidade da *instrucção* na capital baiana, como “desde o edificio até ao proprio programa está tudo em manifesta opposição aos preceitos scientificos” (p.29). E segue demonstrando indignação afirmando que “especialmente na Bahia, é a instrucção publica a causa mais *insignificante*⁷ que figura nas obrigações dos poderes públicos desta terra” (p.30).

O médico Octavio Torres segue em sua tese afirmando como a realidade educacional em Salvador segue destoando dos países tidos como civilizados. Enfatiza que:

E’ deveras entristecedor o estado atrophico da instrucção primaria nesta capital, porque está em completo antagonismo ás regras da moral, da pedagogia e da hygiene, e parece que, em vez de ser ministrada para aperfeiçoar o homem, moral e physicamente, ella serve para destruir o organismo, e alterar o espirito dos que d’ella se abeiram, já porque a competência do mestre é nulla, já porque faltam os requisitos necessários ao seu desenvolvimento. (1908, p.31)

Apesar do tom pessimista frente à condição da educação em Salvador, no referido tempo histórico, aponta o Collegio Ypiranga, dirigido pelo doutor Alexandre Porphirio de Almeida Sampaio, como um exemplo de felicidade, pois “a casa obedece aos principios hygienicos e pedagogicos” (p.35).

Joaquim de Britto Costa médico baiano, no ano de 1920, diz que as escolas na Bahia não obedecem, em geral, ao mais rudimentar critério científico, e segue:

⁶ Grifos do autor.

⁷ Grifo do autor.

É lamentável para quem aspira sincera e veementemente ver a nossa estremecida Bahia hombrando com as mais cultas e avantajadas das suas co-irmãs, nivelando co as nações civilizadas, contemplar a depressão, o atrazo, o retrogadismo de suas escolas. (p.52/53)

Dentro os requisitos básicos para a escola de uma sociedade civilizada estava o ensino da ginástica, por esta se ajustar aos ideais de modernidade, como aqui já foi dito. Contudo, apesar da prática mostra-se muito desejada nos discursos da elite intelectual da Cidade da Bahia, a realidade da sua implementação como prática pedagógica não seguiu no mesmo ritmo do desejo.

Neste sentido, a Diretoria Geral dos Estudos da Bahia, no ano de 1856, apresentou um balanço das disciplinas ministradas no estado, referentes ao ano de 1855. No Lyceu Provincial, principal instituição responsável pelo ensino secundário em Salvador. Sara Dick (2011) elucida como essa instituição expressava a concretização das políticas públicas educacionais no estado, e mesmo sendo esse espaço tão importante, não consta a presença do ensino da ginástica ou de qualquer outra prática corporal na sua grade curricular do referido ano.

Em 1882, o Relatório da Instrução Pública apontou, numa sessão intitulada Artes e exercicios phisicos, o ensino da gymnastica relacionada a uma educação cívica e educação dos sentidos, contudo não é no sentido do que acontece nas aulas de ginástica, mas como deveria acontecer.

Apesar de novamente não se mostrar presente o ensino da ginástica, no relatório acima mencionado, uma matéria acrescentada nas escolas públicas primárias chama a atenção, esta é intitulada de *civilidade*, tendo a sua importância justificada com a seguinte arguição:

Ninguém desconhece que incompleta seria a educação, se não ornasse e embelezasse a natureza, dando-lhe essas maneiras delicadas e polidas que nos encantão. O menino não sahiria prompto da eschola, se ali não contrahisse os hábitos de polidez, e não aprendesse as regras de civilidade do bem viver: d'onde escreveu alguém <<que a civilidade é para os costumes o que o polimento é para as obras d'arte.>> Aproveite-se da leitura do Compendio para explicar-lhes essas regras de civilidade observadas no commercio do mundo, e terá a satisfação de apresentar á sociedade homens polidos e bem educados. (1882, p.40/41)

Esse fato reforça a ideia de civilidade ligada ao controle da moral para adequação do homem as demandas da sociedade moderna. Uma retidão moral, e ousarmos, podemos entender 'homens polidos' no sentido, também, de uma retidão física, de um controle corporal.

Voltando ao nosso objeto, no *Programma do Jardim da Infancia* (1882, p.129) o apontamento do ensino da ginástica, sendo este relacionado aos preceitos higiênicos e como exercícios que adestrem e desenvolvam as crianças, tendo como indicação de sua execução: "far-se-hão ao ar livre no

Jardim, ou em uma sala que o substitua, adaptada a este fim, quando a estação assim exigir. Nenhum exercício durará mais de 15 minutos”.

Contudo, essa ocorrência parece não tomar grandes proporções e amplitude para outras escolas. O mesmo relatório não apresenta a ginástica como parte integrante das disciplinas ministradas nas Escolas Normais. Nem tão pouco no Liceu Provincial, considerado uma das mais importantes instituições escolares da época, como podemos ver no quadro de disciplinas do ano de 1882.

A ausência da ginástica no cotidiano escolar parece seguir com o passar dos anos. Umbelino Marquez, em 1886, afirma que a ausência se dá, “pois, as escolas não possuem pátios, nem recreio, nem jardins que sirvam para a prática da ginástica: nada enfim que sirva de diversão à criança, muito pelo contrario, socego e immobildade” (p.30).

Nesse sentido, o médico Joaquim de Britto Costa (1920) aponta como uma das lacunas do ensino a ausência de *educação physica, de exercícos e da gymnastica*. Apresenta como exemplo a Escola Normal na qual, felizmente, segundo o médico, podiam observar as prescrições da ginástica sueca, considerada por ele a ginástica dos movimentos e atitudes. Na Escola Normal, no ano de 1882, o Relatório Sobre a Instrução Publica da Provincia da Bahia, aponta a ginástica como componente curricular.

Já no ano de 1918 na Assembleia Geral do Estado, o então governador do estado, Antônio Muniz Sodré de Aragão confirma a conclusão da obra de um pavilhão específico para a prática de ginástica no Gymnasio Estadual. Diz, também, existir 83 escolas elementares particulares e 43 estabelecimentos particulares de ensino secundário em Salvador, no referido ano. O governador continua no relatório apontando os melhoramentos feitos nos quartéis, praças e ginásio da capital, concluindo com a seguinte afirmação: “como vedes, nem a instrução, nem a justiça, nem a hygiene, nem a assistência, nem a policia deixaram de merecer minha atenção” (p.07).

Considerações finais

Podemos afirmar que os pensamentos que circulavam em torno da prática da ginástica em Salvador, assim como em outros lugares do país, estavam relacionados com um desejo de moldar os costumes e racionalizar o comportamento corporal para que os indivíduos imprimissem, nas suas práticas cotidianas, os ideais de modernidade que circulavam no país, neste momento. Modernidade esta que tinha suas diretrizes articuladas nos saberes higienistas, resultado de uma ascensão das ciências e, principalmente, da medicina.

Contudo, os projetos modernizadores da capital baiana, idealizados e gestados a partir dos ideais higienistas, enfrentaram dificuldades na sua execução, materialização. A ginástica se constituiu no discurso da elite baiana como elemento fundamental para inscrição do sujeito moderno, mas a sua realidade, implementação no cotidiano escolar, não seguiu no mesmo ritmo e concepções pensadas para a prática, ora se aproximando, ora se distanciando. Ou seja, a configuração de um ideário, não necessariamente

significou uma materialização, ao menos no nível que era indicado como ideal.

Referências

A ESCOLA – REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E NOTICIOSA. Salvador, out, 1880.

CORREIO DA BAHIA. Salvador, 1871.

CORREIO MERCANTIL. Salvador, jun, 1838.

CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. Estudos Avançados, São Paulo, v.11, n.5, 1991.

COSTA, Joaquim de Britto. *Hygiene nas Escolas*. FAMEB, Salvador, 1920.

COSTA, Angela Marques Da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Luciene Henrique Da; SANTOS, Marysol De Souza; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O discurso médico e a educação física nas escolas (Brasil, século XIX). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 273-82, abr./jun. 2014.

DIRETORIA GERAL DOS ESTUDOS DA BAHIA. Salvador, 1856.

FREITAS JUNIOR, José Antonio de. *A Influencia do Estado Social na Produção das Molestias*. FAMEB, Salvador, 1853.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século xixi e início do século xx. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 139-159, jan./mar. 2013.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E A Bahia Civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia.

LOBO, Francisco Candido da Silva. *Apontamentos Para o Estudo da Hygiene Escholar*. FAMEB, Salvador, 1898.

MARQUES, Umbelino Heraclio Muniz. *Hygiene Pedagogica*. FAMEB, Salvador, 1886.

MELO JUNIOR, Djalma Santos. *A Escolarização das Práticas Corporais em Meio a “Babel da Instrução Publica Baiana: os confrontos em torno da gymanstica, musica e dança*. Feira de Santana. 2015. Dissetação (Mestrado

em História) – Departamento de Ciência Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana.

MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Autores Associados. Rio de Janeiro, 2007.

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História São Paulo*, v. 32, p. 163-188, 2013.

MELO, Victor Andrade De; PERES, Fabio De Faria. Relações entre ginástica e saúde no Rio de Janeiro do século XIX: reflexões a partir do caso do Colégio Abílio, 1872-1888. *História, Ciência, saúde*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1133-1151, out./dez. 2016.

MORENO, Andrea. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Belo Horizonte, v. 37, n. 2, p. 128-135, mar. 2015.

O ACADEMICO – PERIODICO DEDICADO A MEDICINA E LITTERATURA. Salvador, ago, 1872.

O CORREIO DO BRASIL. Salvador, 1904.

O MONITOR. Salvador, nov, 1877.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 03-12, jun. 2001.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Brasil: difusão e adaptação de modelos urbanos (França, Rio e Salvador)*. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

RELATORIO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. Salvador, 1856.

RELATORIO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA DA PROVINCIA DA BAHIA. Salvador, 1882.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira Da. Esporte e Modernidade no Rio de Janeiro e Salvador: um estudo comparado. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 99-116, jan./jun. 2013.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira Da Rocha; SANTOS, Henrique Sena Dos. *Primórdios do esporte no Brasil*. Salvador. Manaus: Reggo, 2015.

SÁ, Tania Regina Braga Torreão; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. *A Cidade da Bahia de Meados do Século XIX e Início do Século XX: memória e patrimônio em uma cidade do capital*. Congresso Internacional

Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói RJ: 03 a 06 de Setembro de 2012.

SILVA, Octavio Torres. *A Cidade da Salvador Perante a Hygiene*. FAMEB, Salvador, 1908.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de; BARRETO, Maria Renilda Nery. *História da Saúde na Bahia: instituições e patrimônio arquitetônico*. Barueri: Fio Cruz, 2011.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. Salvador: EDUFBA, 2001.

VELHO, Gilberto. Estilo de Vida Urbano e Modernidade. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v.8 n.16. p.227-234, 1995.

VELHO, Mathias de Campos. *Etiologia do Cholera-Morbus; Medidas Sanitarias Applicaveis Contra Sua Invasão e Propagação Nesta Cidade*. FAMEB, Salvador, 1886.

Recebido em 1 de agosto de 2018

Aprovado em 19 de dezembro de 2018